



## **O CRACK NO INTERIOR PERNAMBUCANO E SUAS IMPLICAÇÕES TERRITORIAIS: O CASO DE CARUARU, GARANHUNS E PETROLINA**

Carlos Alberto Duarte de Souza  
Universidade Federal de Pernambuco  
solracsouza@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

O uso de ilícitos, de uma forma geral, tem mostrado considerável crescimento em várias localidades do mundo, dentre eles, o crack. Segundo pesquisa desenvolvida pela Confederação Nacional de Municípios (CNM), em 4.400 territórios municipais, espalhados pela Brasil, 63,7% deles apresentam graves problemas na área da saúde em decorrência da difusão e consumo crescentes do crack e em 98% já detectaram a presença da supracitada droga. Envolve ainda a segurança pública e assistência social, pois 58,5% dos delitos municipais estão atrelados à referida droga e 44,6% de recursos assistenciais são direcionados para a assistência dos dependentes. Em municípios interioranos seu uso tem se tornado frequente e no caso de Pernambuco a situação não é diferente. Várias são as cidades que já notificam cada vez mais o tráfico e o uso desse ilícito.

Para compreender um pouco essa dinâmica e suas implicações no território a pesquisa divulgada em 2015, (financiada pela FACEPE e coordenada pelo Prof. Dr. Alcindo Sá, na qual o presente artigo inspirou-se para ser elaborado), tomou como exemplo três municípios pernambucanos: Caruaru e Garanhuns situados na faixa do Agreste, e Petrolina no Sertão. Para compreender o contexto do crack nas referidas cidades, utilizou-se dados oficiais do Governo do Estado e matérias jornalísticas entre o período de 2012 e 2013. Os dados levantados permitiram um breve panorama, que se somou a um levantamento de informações em 2015 com 192 moradores dos três municípios. A partir dos dados foi possível inferir os reflexos do espraiamento desse ilícito nas referidas cidades. Como destaca Santos (1996), todo espaço geográfico se constitui de estruturas, processos, formas e funções, inclusive o espaço da geografia “crackeana”, que vem metamorfoseando muitas formas territoriais visíveis e vivíveis.

A pesquisa tentou verificar a estrutura do mercado do crack nos territórios das cidades supracitadas, com isso foi possível apontar, geograficamente, ações mais abrangentes e propor subsídios para estratégias de combate ao tráfico mais além das

atividades repressivas, pois estas ocasionarão apenas o deslocamento das atividades dos ilícitos. Ou seja, uma visualização mais detalhada das dinâmicas territoriais do comércio do crack (produção, circulação, distribuição e consumo), além dos entornos infraestruturais que porventura possam induzir a população a entrar no mundo dos ilícitos ou não, a exemplo dos territórios da saúde, educação etc. Sem dúvida, uma nova geografia da civilidade, da tolerância, da verdadeira convivência entre “estranhos” sem haver estranhamento, passa pelo entendimento dos diversos fenômenos “pós-modernos” (dentre eles a crescente demanda de psicotrópicos) que induzem à fragmentação social e territorial, destacando-se, hoje, o aumento exponencial de consumo de crack.

### **A QUESTÃO DAS DROGAS EM CARUARU, GARANHUNS E PETROLINA**

Os municípios pesquisados encontram-se em áreas distintas do Estado de Pernambuco (Figura 01), dois deles (Caruaru e Garanhuns) situam-se na faixa do Agreste, enquanto Petrolina está no Sertão.

**Figura 01 – Localização dos municípios pesquisados no estado de Pernambuco**



**Fonte:** Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco – CONDEPE/FIDEM  
Execução: Roberto Silva de Souza. Adaptação: Carlos Alberto Duarte de Souza

Em relação às Regiões de Desenvolvimento, Caruaru situa-se na RD Agreste Central, Garanhuns na RD Agreste Meridional e Petrolina na RD Sertão do São Francisco. Cada uma das cidades possui especificações próprias; Caruaru, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, tem 920,611 km<sup>2</sup> (de área do município), sendo 16,650 km<sup>2</sup> de perímetro urbano e os 903,961 km<sup>2</sup> restantes formando a zona rural do município; já Garanhuns possui, também de acordo com o

IBGE/2010, uma extensão territorial de 458,55 quilômetros quadrados, sendo 7,11 km<sup>2</sup> formando a zona urbana e os 451,44 km<sup>2</sup> restantes a zona rural. Petrolina, o maior dos três municípios pesquisados, possui uma área de 4 558 398 km<sup>2</sup>, sendo 244 800 km<sup>2</sup> de perímetro urbano e os 4 313 598 km<sup>2</sup> restantes formando a zona rural do município. É o maior município em extensão territorial de Pernambuco.

Sobre a atuação do tráfico de ilícitos nas áreas pesquisadas, torna-se difícil apresentar um marco dessas atividades no espaço interiorano pernambucano. Atribuir uma periodização é complexo e corre-se o risco de apresentar informações pouco validadas. O que é provável de mencionar é que o surgimento/espraiamento do consumo e tráfico nessas localidades não distancia muito de sua chegada a capital. Muitas vezes, as referidas cidades são rotas do tráfico ou pontos estratégicos de distribuição visando a Região Metropolitana.

Quanto aos números de ocorrências de tráfico e uso/posse de entorpecentes nos municípios pesquisados entre os anos de 2012 a 2014, o Relatório 049/2015/GACE /SDS-PE emitido em 23 de janeiro de 2015, permite visualizar (Quadro 01), nesse recorte temporal, que as informações oficiais apresentam crescimentos e quedas. Caruaru, o município com o maior número de ocorrências, demonstrou entre os anos de 2012 e 2014 uma queda de 6,29%, já Petrolina mais do que duplicou os dados, quando se observa a diferença entre os anos de 2012 e 2014. Garanhuns apresenta o menor número de ocorrências entre as cidades pesquisadas e exhibe crescimento de 2012 para 2013 e queda entre 2013 e 2014.

**Quadro 01. Número de ocorrências de tráfico de entorpecentes**

ANO	CARUARU	GARANHUNS	PETROLINA
2012	286	24	71
2013	273	42	123
2014	268	30	159

**Fonte:** Relatório nº 049/2015 Gerência de Análises Criminais e Estatísticas (GACE) – Secretaria de Defesa Social (SDS)

Outro dado considerado no Relatório supracitado foi quanto a posse e o uso de entorpecentes, também no mesmo recorte temporal. As informações presentes no Quadro 02 demonstram informações que podem ser relacionadas ao consumo.

**Quadro 02. Número de ocorrências sobre posse e uso de entorpecentes**

ANO	CARUARU	GARANHUNS	PETROLINA
2012	149	34	47
2013	262	68	167
2014	272	61	252

**Fonte:** Relatório nº 049/2015 Gerência de Análises Criminais e Estatísticas (GACE) – Secretaria de Defesa Social (SDS)

Como visto, a cidade de Caruaru saltou de 149 ocorrências em 2012 para 272 em 2014, trata-se de um aumento superior a 82%; a situação em Garanhuns, na mesma comparação temporal, é de 79% e Petrolina supera os 430%. No caso da cidade de Petrolina os dados apresentados relacionam-se com os presentes no Quadro 01, visto que a relação pode ser estabelecida com o aumento do tráfico na região.

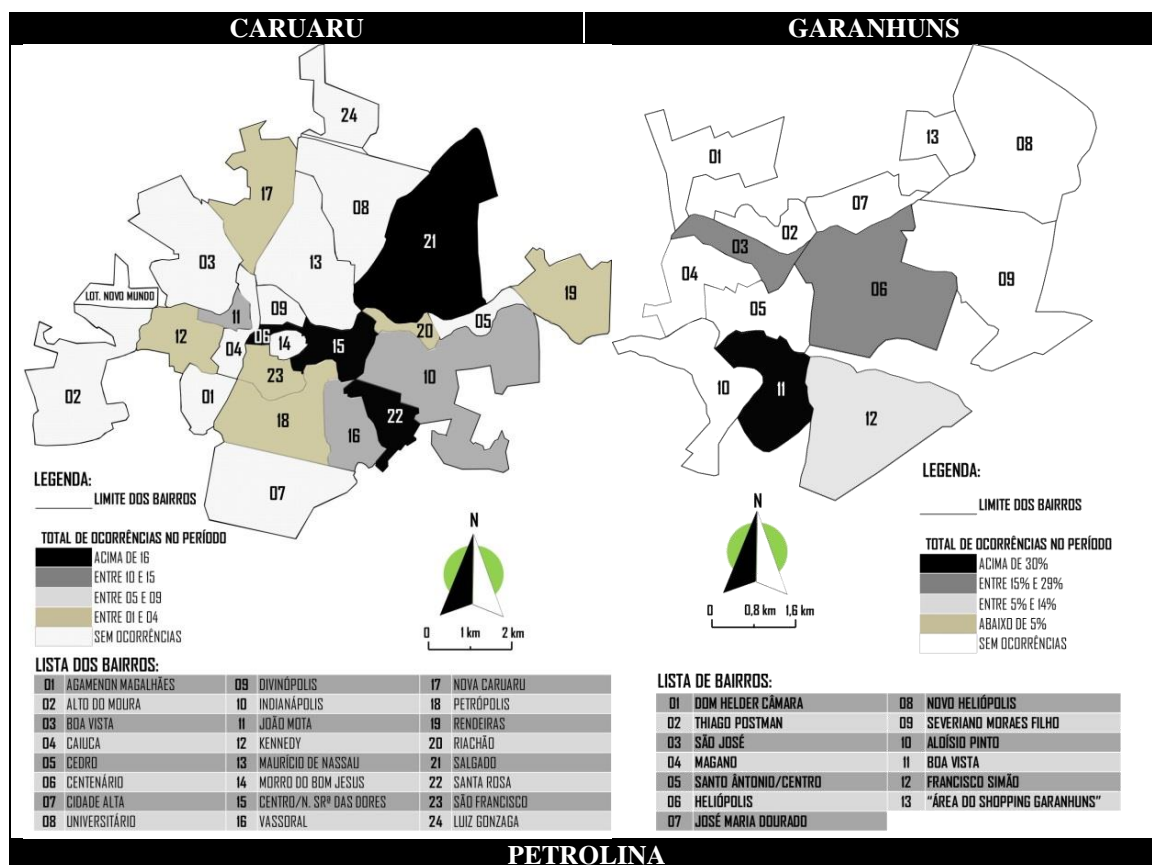
Para descrever e entender um pouco desse cenário, a pesquisa tomou como procedimentos metodológicos o apanhado de matérias jornalísticas que abordassem sobre o crack nas cidades pesquisadas, a coleta de informações oficiais e aplicação de questionários. Quanto ao apanhando de matérias jornalísticas, fez-se um recorte temporal que inclui todo o ano de 2012 até o mês de outubro 2013. Ao todo foram coletadas 212 matérias, todas referentes a questão do crack nas localidades em tela, sendo 73% referentes a Caruaru, 4% a Garanhuns e 23% Petrolina. Foram utilizadas 05 (cinco) fontes de periódicos/sites jornalísticos: Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco, NE10; O Povo e o link de notícias do site da SDS/PE.

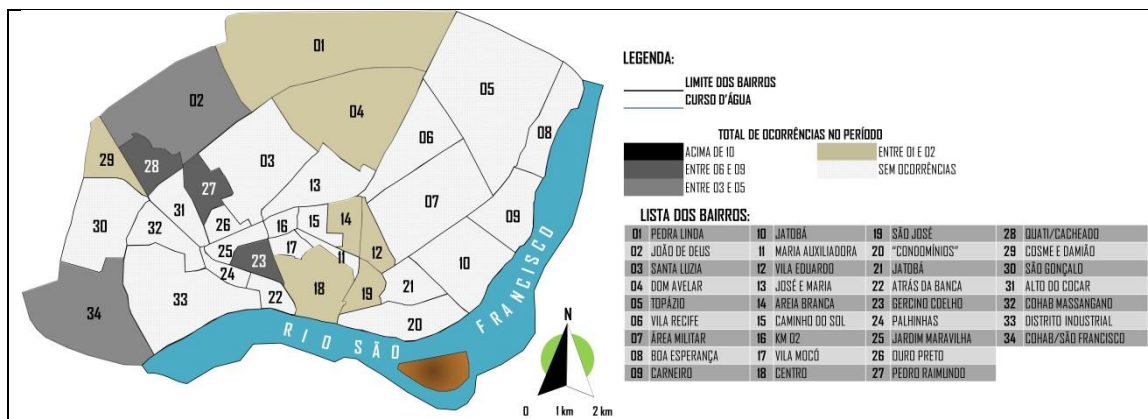
Ainda no que diz respeito ao trabalho de pesquisa em jornais, detecta-se que as cidades de Caruaru, Garanhuns e Petrolina apresentam mais de 65% dos seus bairros com pelo menos uma ocorrência de tráfico ou uso/posse do crack. Tomando como base esse levantamento, foi possível elaborar mapas, divididos em classes que representam a leitura dos municípios pesquisados através dos informes jornalísticos (Figura 02). Na referida figura, temos as áreas urbanas de Caruaru, Garanhuns e Petrolina com suas divisões por bairros demonstrando como se comportou as ocorrências/registros jornalísticos no período de 2012 a 2013.

As situações mais intensas são vistas em Caruaru, em que quatro de seus bairros apresentaram expressivas ocorrências. Ainda de conformidade com os informes jornalísticos, 41% dos bairros caruaruenses não apresentaram acontecimentos ligados ao

crack, o que não implica que não exista a presença do entorpecente em seus territórios. Ainda na observância da representação de Caruaru, é possível verificar um hiato que existe entre o bairro do Centenário e o Centro da cidade, apesar de estar entre bairros com elevado números de ocorrências, o Morro do Bom Jesus, aparece sem nenhum registro. Garanhuns foi a cidade com a menor quantidade de reportagens; ao todo, foram 4% do volume das matérias elencadas. Em função de um quantitativo bem menor de que os das outras cidades, a proposta de classes foi diferente e adotou-se a ideia de faixas percentuais para fazer a classificação do referido município.

**Figura 02. Tráfego e uso do crack conforme informes jornalísticos (2012/2013) nas cidades de Caruaru, Garanhuns e Petrolina**





**BASE CARTOGRÁFICA:** wikimapia.org.br/googlemaps

**FONTE:** NE10, Diário de Pernambuco, Folha de Pernambuco, O Povo e SDS/PE

**EXECUÇÃO E ADAPTAÇÃO:** Carlos Alberto Duarte de Souza

Percebe-se que o bairro da Boa Vista destaca-se no mapa com 30% das materiais sobre tráfico e uso do crack, em seguida os bairros de São José e Heliópolis na classe dos 15% a 29% e Francisco Simão categorizado entre 5% e 14% dos registros coletados. Dos 13 bairros de mercados no mapa, 04 ou 30% apresentaram alguma referência ao uso/tráfego do crack. A outra parcela (09 bairros) não apresentou referências no período pesquisado.

Petrolina apresentou 23% dos informes jornalísticos. As informações sobre o município, em comparação com o outros, foram as mais pulverizadas. Enquanto, ocorreu concentração em alguns poucos bairros em Caruaru e Garanhuns, Petrolina apresenta pontos de ocorrência do crack em mais de 35% de seus bairros. A porção mais leste da cidade, nessa proposta de mapeamento, não aparece com ocorrência de uso/tráfego do crack.

Associado aos dados das matérias jornalísticas, também, foi realizada entrevistas com os moradores das supracitadas cidades. Ao todo foram aplicados 192 questionários que possibilitaram outras leituras a respeito do tráfico/consumo de crack. A partir dessas informações foi possível perceber que implicações as devidas ocorrências vem causando no espaço.

## AS IMPLICAÇÕES TERRITORIAIS

O consumo de substâncias psicoativas afeta de maneira profunda amplos aspectos da vida das pessoas que as utilizam e dos grupos nos quais elas estão inseridas. Além do uso recreativo ou ritual, inserido na cultura e na economia dos países, em muitos casos o consumo de drogas se associa a problemas graves como a ocorrência de acidentes, violência, produção ou agravamento de doenças variadas, queda no desempenho escolar ou no trabalho, transtornos mentais e conflitos familiares, entre outros. Claro, no que se refere à pesquisa em tela, verifica-se que a presença desses entorpecentes no espaço e a forma como ocorre sua comercialização, implica em reconfigurações no território.

Ao verificar o posicionamento dos entrevistados a respeito de alguns aspectos, percebeu-se que parcela notável (29%), afirma a existência do tráfico, bem como visualizam um forte aumento no consumo de drogas nos últimos cinco anos. No caso das referidas cidades, o fato de estarem no interior e a forma “modesta/acanhada” como o tráfico ocorre em seus espaços, é de considerar-se que um terço das pessoas pesquisadas – de forma aleatória - informem perceberem o tráfico em seus locais de vivência. Verificou-se, que a cada três entrevistados, um possui na família caso de usuário de ilícitos; quando é averiguado se eles conhecem alguém no bairro que faz uso, este dado passa ser de dois casos.

A primeira questão que diz respeito ao território vem da circulação das pessoas por ele. A maior parte dos entrevistados informou que evitam passar por locais onde há atuação conhecida do tráfico. Utilizar seu espaço de forma diferenciada em função do tráfico implica na força que essa “organização” exerce. As pessoas acabam reorganizando sua rotina e tem lesado o direito de ir e vir. Essa sensação é espelhada no espaço, visto que nos lugares deposita-se e/ou concretiza-se – também - o medo que as pessoas possuem desta forma de violência.

É nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado. E é nos lugares, e graças aos lugares, que os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela esperança de realizar-se e correm risco de decepção... (BAUMAN, 2009, p. 35)

A evidência do medo difundido é clara. Acredita-se que é uma questão incorporada no consciente da sociedade como um todo. Atualmente, é comum que se

espere ter precauções de segurança, todavia o medo do outro (do estranho) tem tornado próximo o “aceitável e o exacerbado”, ou seja, o que for possível em termos de meios para garantir o afastamento de terceiros (muros, grades, isolamento...) é visto com naturalidade.

Em sua obra “Confiança e medo na cidade”, Zygmunt Bauman aborda em um dos capítulos o medo de viver com estrangeiros. Embora seu enfoque refira-se a pessoas provindas de outras localidades (países), cabe-se aqui o sentimento de afastamento que segundo o mesmo, é “uma experiência que gera muita ansiedade” (BAUMAN, 2009, p.87). Logo, evitar essa experiência tornou-se sinônimo de privação da liberdade. O mesmo autor, em outra obra (A sociedade individualizada), trata da relação entre liberdade e segurança. Nessa complexidade da necessidade humana dos dois, Bauman avalia como “inevitável sacrifício”, a liberdade regida por normas e a segurança sufocando a liberdade são passíveis de sofrimento (BAUMAN, 2008, p.58).

Nesse cadinho, o dinamismo das informações e sua difusão sensacionalista dos acontecimentos criminosos corroboram para a sensação de mal estar. Como já mencionado, a percepção dos crimes acabam sendo maiores do que os verdadeiros fatos. As áreas pesquisadas revelam um pouco desse movimento quando mencionam não sentirem-se seguros onde moram. Outra relação que se pode estabelecer com os dados observados é que mesmo as posturas que permitem basicamente “o necessário” em termos de contato com o externo a casa, percebidas nos moradores das localidades estudadas, possibilitam deduzir que os mesmos intensificam a formação de dois "campos de forças": o que corresponde aos ditos espaços temerosos (encorpado pelo medo alheio) e o campo que os cercam (aquele que o limite é relativo, que engloba a zona de conforto, cuja sensação de enfraquecimento é constante e o medo presentes é mais forte).

No tocante a essa questão, remete-se ao geógrafo Claude Raffestin (1993) ao abordar sobre o poder:

O poder se manifesta por ocasião da relação. É um processo de troca ou de comunicação quando, na relação que se estabelece, o dois pólos fazem face um ao outro ou se confrontam. As forças de que dispõem os dois parceiros (caso mais simples) criam um campo: o campo do poder (RAFFESTIN, 1993, P.53).



Ainda de acordo com o mesmo, "onde há poder há resistência" (p.53). No casos das áreas em tela, a resistência dos moradores diante de circunstâncias diversas, inclusive o medo da violência criminosa, entendem-se como uma força, mas não uma força de combate, de mudar um cenário, de propor tranquilidade, mas uma força de permanência, de acomodação, que ao mesmo tempo endossa e fortalece o outro campo.

Numa outra leitura, Souza (2006) menciona que esses "campos" correspondem a fragmentação do tecido sócio-espacial. "Uma sociedade marcada por prisões reais e metafóricas se reflete e, ao mesmo tempo, é condicionada por uma espacialidade correspondente (fragmentada sociopoliticamente)" (SOUZA, 2006, p.29).

"O espaço é um campo de construção da vida social onde se entrecruzam, no tempo plural do cotidiano, os fluxos dos acontecimentos e os fixos – o incontável arsenal de objetos técnicos" (VILHENA, 2003, p. 77). Na proposta conceitual da professora Junia de Vilhena, atuante no campo da psicologia, é notoriamente perceptível a contribuição de Santos, seu enfoque no campo social (também abordado por Santos) reforça o sentido de um espaço marcado pelos acontecimentos da vida.

Assim, a violência (especialmente a criminosa) tem imprimido no cotidiano das pessoas um medo cada vez mais "sólido". Essa vivência marca os espaços, dar o sentido do que nele se deposita e o transforma, caracteriza-o e diante de feições "novas" surgem denominações que visam abarcar tal sentido. Nesse contexto, é atribuído ao espaço um sobrenome que o marca (espaços criminosos, espaço segregado...), mesmo redundante, no sentido de que todos os acontecimentos são sociais e que todo o espaço carrega em si a dinâmica da vida, a ênfase que se dá no esforço de "recortes" é válido.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Diante do exposto e possível, ainda, fazer algumas reflexões, visto que, muitas das considerações foram postas. O crack, como corriqueiramente colocado nesta pesquisa, tem expandindo-se de forma rápida, chegando em outros espaços e conquistando novos territórios. Seu alto poder dependogênico reflete no quantitativo crescente de usuários e impulsiona a busca por consumo sistemático. Mesmo não sendo



a droga mais apontada pelos nossos moradores entrevistados, a posição de segundo lugar como ilícito mais lembrado já é uma condição expressiva, passível de preocupação. Soma-se a isso o fato de que a média de informações jornalísticas sobre o crack nas cidades pesquisadas é de 01 em cada 04 dias, uma média de 07 ocorrências mensais que tonam-se interesse das mídias.

Nas cidades de Caruaru, Garanhuns e Petrolina, ao observar os informes jornalísticos, pode-se mencionar que há uma moderada difusão do crack. Garanhuns, não apresentou ocorrências relevantes ao uso, porte ou tráfico. Constatou-se que a população, representada pelo universo entrevistado, aponta o crack como a segunda droga mais conhecida, reforçam a sua utilização em seus territórios e mencionam que o uso é feito de forma moderada sem distinção de horário, na maior parte por adolescentes e jovens. Parcela notável (29%), afirma a existência do tráfico, bem como percebem um forte aumento no consumo de drogas nos últimos cinco anos.

A questão das drogas é uma problemática que precisa da atenção das diversas áreas sociais e econômicas. Hoje considerada a sociedade do consumo e do prazer imediato, faz com que cada vez mais os jovens consumam drogas. Sejam elas lícitas ou ilícitas. Conforme registros dos CAPs de Caruaru, Garanhuns e Petrolina, aproximadamente 1.200 atendimentos ocorreram nesses municípios até 2014. O dado permite uma comparação interessante com os números de apreensões de posse e uso de entorpecentes. Entre 2012 e 2014 nas três cidades foram realizadas 1.312 (SDS, Relatório nº 049/2015). Considerando que cada apreensão fosse realizada com um usuário que necessitasse de tratamento, ter-se-ia uma lacuna de 112 atendimentos. O que implica que a demanda é maior e que precisa-se de maiores investimentos para ampliar o volume dos atendimentos. Neste caso, pesou na média das cidades, Caruaru, que possui a maior lacuna ao comparar-se atendimentos com apreensões por posse e uso.

Deste modo, pôde-se constatar, através desse sentimento e/ou percepção dos moradores residentes nas áreas pesquisadas, uma provável resposta para a hipótese de que o medo leva a modificação espacial nos lugares onde se estabelecem a violência e o crime e que a combinação desses elementos permite uma maior predisposição aos mesmos e implica na circulação dos residentes. A população reage se não com atitudes



violentas, mas com uma arquitetura hostil. É a sociedade modelando o espaço, impulsionada pelas circunstâncias presentes.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Relatório brasileiro sobre drogas** / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; IME USP; organizadores Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Vladimir de Andrade Stempiuk e Lúcia Pereira Barroso. – Brasília: SENAD, 2009.

CARUARU. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caruaru>>. Acesso em: 15 março. 2015.

**Estatísticas da Criminalidade Violenta em Pernambuco - 2013** Recife: Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco - CONDEPE/FIDEM, 2014.

GARANHUNS. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Garanhuns>>. Acesso em: 21 março. 2015.

IBGE. Censo demográfico 2010. Disponível em <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em 15 de abril de 2015.

PETROLINA. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Petrolina>>. Acesso em: 21 março. 2015.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1992.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A prisão e ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VILHENA, Junia de. **Da claustrofobia a agorafobia: cidade, confinamento e subjetividade**. In Revista Rio de Janeiro, n. 9, p. 77-90, jan./abr. 2003.